

E QUANDO A CHUVA VEIO

Marcela Castro

marcelacastros@yahoo.com.br

Chuva é nostálgica por natureza. Ela faz espelho no asfalto e olho d'água no buraco. Gosto de olhar pra ela. Tanto, que esqueço. Esqueço dos problemas, das redações pra corrigir, da Claro que vai cortar o meu serviço porque esqueci de pagar a conta...Ai! Mas a chuva.

Com ela, me vejo cantar mil vezes a mesma música, quase como um grito de libertação para a solidão dos telefones públicos, assim sempre à espera de um toque, de uma ligação, de um cartão. Porque cada gota, cada lágrima de chuva é uma história, uma fotografia esmaecida pelo tempo, pelas mãos: polegares gordurosos que chamam o amor para si - estaria naquela foto?

Mas, se a gota fica presa, me sinto amarrada num congestionamento olhando a *kombi* à minha frente. Os pneus irão esmagar minhas esperanças, minhas andanças, minha velocidade com suas marcas negras de sangue funesto no asfalto. Mas chuva sabe sair e se libertar. E eu sou a gota.

A gota que cintila no vidro, que dança à melodia da música que toca na rádio; na rádio que só eu pareço ouvir. Dá até tempo de reclamar de mim e de ti. E tempo também é passo, é compasso, é coreografia da gota escorrendo pelo para-brisa do carro no engarrafamento. Ela rodopia, ondulada e impaciente, um corpo feminino liquefeito.

Depois da dança, o mais bonito é a sombra. A chuva cai em cima do vidro e faz mil bolinhas disformes dançarem sobre minhas linhas e meus sonhos, uma tela de Salvador Dali, com a desordem de Picasso e a dor de Chagall. E cheira a Frida. Chuva cheira a Frida. Com ambiguidade e tudo. A miopia pinta as lâmpadas da estrada. Bailantes, sinuosas, mostram-se eclipsadas em um brilho chamuscado que não se perde. "Não me esqueça", elas dizem. Exaustão? Não. É cavalgada lisérgica no meu peito. Dá vontade de ser a gota que sensualiza na tua frente e vai embora, mesmo percebendo tua pupila dilatada, enfraquecida pelos passos de água derretendo tua razão. O brilho a cada gotinha avisa: hora de sucumbir ao sonho. Ao sonho de sempre ser eu mesma.

Chuva também molha viaduto. Lágrimas no cinza escorrendo em cima da minha aflição, pichada no muro sujo. Concreto dissolvido em dores passadas. Não posso esquecer as árvores. Elas dançam no gotejar. Gozo de uma noite de amor? Orvalho.

De súbito, uma fileira vermelha de carros precoces me avisa: é preciso parar. É preciso esquecer. Esquecer o celular, a caneta nervosa que risca todos os livros e o pensamento doentio que franze a testa e aumenta a voz.

Ainda chove. Um avião levanta voo. Aquelas luzes, pequeninas, brilhando longe no meu do temporal, me fazem rezar baixinho... Tenho medo de voar. Mas não perco a minha fé. Acredito em Jesus, sabia? Peço a ele que tudo fique bem, mesmo forçando meu coração a acreditar.

Mas tudo muda quando minha alma é violada pela buzina incessante de um caminhão. São rodas pesadas, com a carga de uma vida fatigante. Mas não vou me deixar abater. Pelo menos não hoje.

Porque vai chover a noite toda e eu vou me ver nos reflexos do asfalto. Vou ouvir meu nome em cada buzina e brilhar como um sinal verde no meio da noite. As gotas de chuva passarão a bailar comigo o seu passo de sedução e eu vou aprender. Cantar, dançar, sofrer? Que importa! Com a chuva de hoje, recebi o melhor banho de todos: de paixão, de vida. Como sempre, é banho de chuva!

Que venham todos os temporais: sou gota encontrada no meio da areia.